

TRABALHO COMPLETO DA MESA: FIGURAÇÕES DO CORPO NA ATUALIDADE: SOFRIMENTO, LINGUAGEM E IDENTIDADE.

COORDENADORA: Roseane Freitas Nicolau

TÍTULO:

**O corpo como um acessório: Um lugar possível para os Tatoos e Piercings.**

Jacqueline de Oliveira Moreira<sup>1</sup>

A presença de sintomas corporais em sofrimentos eminentemente psíquicas se destaca cada vez mais na contemporaneidade. Na verdade, o corpo passa ocupar, na atualidade, um espaço privilegiado de manifestação e comunicação de conflitos psíquicos. Através do corpo os sujeitos tornam visíveis suas histórias e tentam configurar uma identidade imaginária, seja por intermédio das tatuagens, ou adoecimentos psicossomáticos ou escarificações. Freud nos revela que o ego é primeiro e acima de tudo um ego corporal (1923) e que a dor desempenha um papel importante no bordejamento dessa identidade egóica. Assim interessa-nos, nesse artigo, pensar as diferentes modalidades de inscrições corporais na atualidade que representam formas de manifestações de conflito psíquico e, portanto, modos de subjetivação.

A psicanálise, em última instância, se dedica à subjetividade na suas mais variedades aparições, com enfoque no sujeito do inconsciente. Mas devemos pensar não somente no sujeito individual, pois este sempre é fruto de um encontro social. Entendemos a tentação individualista que aparece em algumas modalidades de fazer “psi”, pois o surgimento da psicologia está vinculado à emergência e a crise da subjetividade e, ainda, a valorização da idéia de espaço privado. A idéia de espaço privado e subjetividade são correlatas e interdependentes historicamente. Parece-nos que a psicologia surgiu para acolher esse sujeito privatizado que se encontra em crise. Crise, essa, produzida no seio da própria modernidade como uma consequência não prevista, mas inegável, por isso a necessidade de uma ciência para tratar desse novo objeto. Assim, de uma maneira ampla e imprecisa, o objeto da psicologia seria a dimensão subjetiva do homem moderno marcado pelo individualismo e pela

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), Mestre em Filosofia, Professora do mestrado em Psicologia da PUC-MG.

consciência de sua privacidade. A grande novidade da modernidade foi a introdução da perspectiva da autonomia para o sujeito que tem por consequência a criação do projeto de dominação da natureza, incluindo a dominação do próprio homem.

A psicologia, historicamente, está vinculada ao individualismo, mas devemos transcender essa história, sem negá-la. A psicologia ou as psicologias devem encontrar seu compromisso social, pois o eu não se constitui sem o outro, ou seja, não há individualismo que se sustente na ausência do social. Se o paradigma moderno é o da consciência que propicia o individualismo, o paradigma contemporâneo é o da linguagem que pressupõe o encontro intersubjetivo. Pois o "paradigma da linguagem" apenas demarca o campo das teorias que concebem o sujeito originariamente como "ser social", mergulhado no universo das interações simbólicas.

É fácil compreender a tentação individualista de algumas práticas psicológicas. O processo de constituição da subjetividade só é possível mediante o encontro intersubjetivo, é o outro que possibilita ao eu o ingresso no mundo social. No entanto, o eu vive primeiramente um momento de "não-eu", de uma consciência em si, sem auto-reflexão, para usar a expressão de Lévinas (1983) uma "consciência-não-intencional". Essa "consciência" pré-reflexiva precede a toda intenção, não é ato, mas sim passividade. A primeira experiência do ser está situada ao nível da emoção, portanto a experiência da passividade precede à arrogância intelectual da consciência intencional, do eu pensante como pura atividade. A consciência pré-reflexiva, não-intencional, não poderia ter conhecimento racional dessa passividade, pois a racionalidade exige um eu intencional. Na sua não-intencionalidade, anterior a todo querer e a qualquer falta, a identidade da "consciência não-intencional" encontra-se exposta, entregue à exterioridade absolutamente estranha e imprevisível. Segundo LÉVINAS (1983), a consciência, antes de significar um saber de si, é apagamento ou discrição da presença, sem intenção. Sem nome, sem situação, sem títulos, sem visada e sem a proteção da máscara protetora do eu. No entanto, quando essa consciência torna-se intencional, quando alcança o estatuto de uma consciência-de-si pensa que este é o ponto zero. A consciência só reconhece como momento inaugural aquele em que ela possui racionalidade, portanto facilmente é capturada pelo engodo de pensar que o eu é anterior a outro. Na modalidade voluntária da consciência intencional, a sua atividade é mortífera em relação à dimensão do outro. No domínio da consciência, o outro é visado para completar. O eu prefigurado pela consciência intencional conhece e representa, e, nesse processo, conhece a si mesmo refletido na realidade objetiva que ele próprio

constitui. Assim, a falácia individualista é facilmente compreendida, o eu, na sua arrogância, crê que é anterior ao outro. Do ponto de vista lógico, o eu é anterior ao outro, pois só pode haver a distinção de fronteiras quando os dois elementos têm claro, racionalmente delimitados, os seus limites. Mas, do ponto de vista ontológico, o outro é anterior ao eu. Todavia, a consciência-não-intencional não possui instrumentos racionais para apreender esse momento de dependência ao outro.

Assim, podemos pensar em uma mútua determinação entre o individual e o social, os sintomas, por exemplo, se inscrevem no indivíduo, mas podem expressar condições sociais. Segundo Lasch: “*Novas formas sociais requerem novas formas de personalidade, novos modos de socialização, novos modos de se organizar a experiência (LASCH, 1983, 76)*”. Compartilhando dessa idéia, Dufour levanta a hipótese de que uma mutação histórica na condição humana está se completando diante de nossos olhos, nas nossas sociedades (DUFOUR, 2005, p. 23). A experiência subjetiva é histórica, portanto ser sujeito hoje guarda características específicas que se diferem dessa experiência no início da modernidade. Nesse sentido é possível se debruçar sobre o sujeito individual como também propor uma intervenção clínica para o sujeito social.

A explosão de informações, a comunicação mundial e a cibernética constituem alguns exemplos da novidade que a experiência subjetiva tem que abraçar no mundo atual. O mundo pós-moderno<sup>2</sup> é definido como uma era de incessante mudança, permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente (HARVEY, 1992). Segundo Kumar, a pós-modernidade é *uma era em que nenhuma ortodoxia pode ser adotada sem constrangimento e ironia, porque todas as tradições aparentemente têm alguma validade (KUMAR, 1997, p. 115)*. As tradições perdem seu caráter de meio organizador da memória coletiva (GIDDENS, 1997). Encontramos uma proliferação de tradições sem história passada e futura, por tanto pseudos tradições. A primeira modernidade, herdeira do iluminismo, pretendia que a racionalidade se mantivesse como um pólo ordenador da vida subjetiva. O homem moderno esperava que a racionalidade o conduzisse ao progresso e desenvolvimento da raça humana. Buscava-se a felicidade como bem comum. Segundo Harvey (1992), a lógica que se

---

<sup>2</sup> Não existe um consenso sobre a utilização da expressão pós-modernidade, mas nosso objetivo é ressaltar uma experiência subjetiva atual que se difere da moderna.

oculta por trás da racionalidade iluminista é uma lógica da dominação e da opressão. Não podemos negar que cada época produz seu mal-estar específico. Para Bauman,

*os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (BAUMAN, 1998, p. 10).*

A busca pelo prazer inscreve a questão do corpo de uma forma mais incisiva, pois o palco do prazer é o corpo. Desta forma, na pós-modernidade assistimos a uma crescente hipervalorização do corpo humano como sede de acontecimentos e fonte de prazer, provavelmente inédita na história da humanidade. Segundo Bezerra, na idade Média *o homem é levado a um permanente esforço de observação, exame, e autodiscernimento para diferenciar o que – vindo do interior da alma – significa impulso sexual, tentação, ou vontade racional, livre-arbítrio (BEZERRA, 1989, p. 220).* O corpo é o palco do demoníaco, campo dos prazeres inferiores, porta em si o peso dos pecados. É preciso punir o corpo para alcançar a salvação da alma. No mundo moderno o interesse pelo corpo caminha mais próximo da busca de dominação, controle, sujeição e investigação científica. Nenhum fato positivo (DURKHEIM) deve escapar do crivo da Ciência. Com a crise da perspectiva transcendente, na forma que é apresentada pela Igreja da Idade Média, resta a crença no materialismo. O sentimento de individualidade que os historiadores identificam como a emergência do eu no século XVIII irá, a partir da segunda metade do século XX, privilegiar a identidade corporal. Assistiremos a uma identificação do indivíduo com o seu corpo. Assim, em nossa cultura atual o corpo goza de um lugar privilegiado. Mas, como definir corpo? Uma definição de um conceito depende, primeiramente, do método utilizado para abordá-lo. Podemos pensar o corpo seguindo uma lógica formal; o corpo como um dado objetivo, um atributo concreto. O corpo, então, pode ser entendido como um conjunto de sistemas, aparelhos, órgãos que obedecem a funções específicas, superiores (cognição) ou inferiores (arco reflexo) e que formam um indivíduo. Essa perspectiva parece-nos essencialista, o corpo como um substrato, um dado empírico. Sem negar essa posição, podemos pensar o corpo de uma maneira dialética, relacional. O corpo é um construto humano que tem sua origem na relação com o outro (mãe). O corpo pode ser pensando através da lógica simbólica como um elemento dentro de um conjunto. Nesse sentido interessa qual o lugar ou posição que o corpo ocupa dentro de uma estrutura. Anorexia, por exemplo, pode ser pensando através da relação entre quatro categorias: o corpo, a imagem corporal,

alimento e ideal social. Na idade Média o ideal social é o de purificação da alma, libertação dos pecados do corpo para alcançar o divino. Assim, um quadro de anorexia responde ao ideal de desprendimento da vida material. No mundo pós-moderno, o ideal social é da beleza magra.

O método fenomenológico (Merleau-Ponty, 1945) oferece-nos um outro caminho para pensar o corpo a partir da consciência do próprio corpo, uma experiência vivencial do corpo. Temos a posição metafísica (Schopenhauer, 1819) que pensa o corpo como chave e abertura para verdade metafísica da Vontade Una, Absoluta e princípio de todas as coisas. Não podemos esquecer as contribuições de Freud que nos apresenta um corpo pulsional – “*corpo psíquico*” – regido pela lei do desejo que tem por finalidade buscar as satisfações pulsionais. Segundo Elia *o corpo só poderá ser pensando pulsionalmente como corpo-efeito do investimento libidinal* (ELIA, 1995, p. 96). São inúmeras as referências freudianas à problemática do corpo, assim selecionamos quatro textos: Três Ensaios sobre a sexualidade (1905), Pulsão e seus destinos (1915), Mal-estar na Civilização (1930) e O ego e o id (1923). Em Três Ensaios sobre a sexualidade, Freud deixa claro que o auto-erotismo, ou seja, o próprio corpo (parcial ou total) com objeto de satisfação, é a característica mais marcante da sexualidade infantil. Mas, ultrapassando essa dimensão de corpo/ objeto, no artigo sobre a pulsão (1915), o corpo aparece como fonte da pulsão e um dos pólos que essa visa mediar: a pulsão se situa na fronteira entre o psíquico e o somático. Nos destinos possíveis da pulsão Freud faz uma reflexão sobre a energia pulsional que retorna para o corpo sob o signo do retorno ao próprio e da reversão ao seu oposto através o par exibicionismo/voyerismo que nos interessa sobretudo no caso dos fenômenos psicossociais que apresentam o corpo como acessório. Em Mal-estar da civilização o nosso corpo é apresentado como uma das fontes de sofrimento. E, por fim, no Ego e o id o corpo aparece como uma condição de possibilidade de uma identidade. Freud revela: *o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície* (FREUD, 1923, p.40). O próprio corpo é um fator que possibilita a distinção entre id e ego e a diferenciação dos estímulos externos e internos, portanto a separação da realidade externa através da percepção de uma identidade. Mas, na pós-modernidade este corpo/identidade atinge dimensões plásticas que possibilita a construção e reconstrução incessante. Investir no corpo é um apelo constante da sociedade atual que exige um corpo saudável e sarado, mas no paradoxo das consequências é que o investimento no corpo isola o sujeito e afasta o outro.

Segundo Le Breton, *o corpo constitui um alter ego, um duplo, um outro si mesmo, mas disponível a todas as modificações, prova radical e modulável da existência pessoal e exibição de identidade escolhida provisória ou duravelmente* (LE BRETON, 2003, p. 28). Podemos citar como exemplo as plásticas de busca a semelhança do sujeito com um ideal que pode ser uma boneca, um animal ou um ator. A cirurgia presta a realização das fantasias e o cirurgião, como um profissional da alta costura, cria uma infinidade de roupas para renovar o *look*. Nesse caso o corpo é um **rascunho** que precisa ser melhorando para alcançar o ideal desejado.

Outro fenômeno interessante é a proliferação de tatuagens com o nome do parceiro que deve ser apagada com o fim da relação. No corpo se inscreve, literalmente, a história do sujeito. O sujeito se esforça para exteriorizar seus afetos, fantasias e desejos. O corpo funciona como um meio de comunicação. O excesso de informações, o bombardeio de estímulos deixa o sujeito mudo, mas o corpo fala através das tatuagens, piercing e outras obras. Nos anos 70, os *punks* usavam o corpo como uma forma de comunicação das insatisfações, revoltas e críticas a uma organização social. Esse acontecimento de contestação foi absorvido e diluído pela moda. Pode-se comprar imagens de revolta e protesto para afixar na pele com um pouco de água. Mas, que leitura psicanalítica podemos oferecer para esses fenômenos? Podemos pensar que a tatuagem, o piercing e as obras no corpo oferecem para o sujeito uma identidade de superfície. O próprio corpo e, sobretudo, a sua superfície constitui um lugar privilegiado de sensações estabelecendo, pois, um limite senso-perceptivo delineador de uma unidade. Freud (1923) revela que a dor desempenha um papel importante nesse processo de demarcação do eu, pois, *as doenças dolorosas constituem talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à idéia de nosso corpo* (FREUD, 1923, p. ). Essas marcas no corpo definem fronteiras objetivas e subjetivas, porque além de demarcarem os limites concretos do corpo possibilitam a filiação a grupos a partir das marcas corporais. Podemos encontrar o grupo dos tatuados contestadores e o grupo da adoração estética à beleza (as barrigas com piercing). É interessante pensar que as produções/obras no próprio corpo podem funcionar também como uma confirmação da vida: Sinto, logo existo. A confirmação da vida via tatuagem ou piercing pode expressar um desejo de autonomia, controle de si e uma dominação da dor e do corpo. A tatuagem na prisão, por exemplo, pode significar um tipo de resistência subjetiva à situação de submissão concreta: Minha liberdade está cerceada, mas tenho autonomia sobre o meu corpo. Certamente, existe um prazer nessa dominação do corpo e da dor. O sujeito não

possui no seu corpo apenas as marcas do tempo e da história que foram inscrita por outros, mas possui as marcas que ativamente escolheu. Para Ortega (2003) as inscrições no corpo apontam para uma falência do simbólico e, desta forma, emerge um necessidade de registrar no real os acontecimentos dispensando, pois, as palavras.

*[;...] As modificações corporais constituem uma radicalização do real: quando a ordem simbólica não produz mais a ordem social, o simbólico é reduzido ao real, ele é incorporado, encarnado. A passagem do simbólico ao real acontece pelo e no corpo. A autenticidade e a realidade são materializadas na marca corporal como uma forma de existir que dispense as palavras e o olhar do outro, os quais não são confiáveis.[;...] (ORTEGA, 2003, p. 6).*

Parece interessante pensar que a palavra TATTOO emite uma sonoridade similar a TATO. A aproximação com a idéia do tato coloca-nos a perspectiva das sensações e percepções. As marcas no corpo possibilitam uma vivência sensorial que no ato de sua criação unem dor e prazer. Mas, **para além** deste prazer podemos pensar em um prazer que convida o par escopofilia/exibicionismo. Segundo Le Breton (2003), *as marcas corporais implicam igualmente uma vontade de atrair o olhar, de fabricar uma estética da presença* (LE BRETON, 2003, p. 40). A utilização da expressão para além não foi acidental. Pensamos que as marcas corporais podem, por vezes, estar vinculadas com a pulsão de morte, ou seja, são marcas reais daquilo que ultrapassa o campo da representação. Assim, as marcas podem ser tentativas de bordejar as angústias inomináveis e impensáveis que habitam o ser. Ou mesmo negar essas angústias primordiais, pois o corpo todo tatuado pode deixar de ser corpo para ser tela, livro. Algo que me faça esquecer da minha condição de finito, pois o corpo é a maior lembrança deste estado. Assim, acreditamos que por detrás de um fenômeno de moda encontramos modos de subjetivação que respondem a circunstâncias sócio- históricas. Não podemos negar que a paixão repentina pelo corpo é um resultando do individualismo que se expressa através da Cultura do Narcisismo (LASCH) e da Sociedade da Performance (DEBORD). Nessa nova forma de organização o corpo guarda uma aura particular e quase divina.

#### Bibliografia:

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*.(Introdução e cap I – O sonho da pureza). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, pp-7-27.

BEZERRA, B. Subjetividade moderna e o campo da psicanálise. In. BIRMAN, J. *Freud 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1989, pp.219-240

DUFOUR, D.R. A arte de reduzir as cabeças – sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ELIA, L. Corpo e sexualidade em Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a sexualidade. In. \_\_\_\_\_ Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade *e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 118-216 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, VII).

FREUD, S. (1914) Narcisismo: uma introdução. In. \_\_\_\_\_ *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 85-120 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIV).

FREUD, S. (1915) Os instintos e suas vicissitudes. In. \_\_\_\_\_ *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 129-163 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIV).

FREUD, S. (1923) O ego e o Id.. In. \_\_\_\_\_ O ego e o id, uma Neurose Demoníaca do século XVII e outros trabalhos.. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 13-86 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIX).

\_\_\_\_\_. O Mal-estar na Cultura. (1930 [1929]) In. \_\_\_\_\_ O futuro de uma ilusão, Mal-estar na civilização e outros trabalhos.. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 75-174 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XXI).

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In. GIDDENS, A., BECK, U., LAH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo, Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1997, pp. 73-133.

HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo, 1992.

KANT, I. Resposta à pergunta: O que é esclarecimento?

KUMAR, K. Da sociedade pós-industrial pós-moderna (cap. 4 e 5). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, pp. 78-158.

LASCH, C. A cultura do narcisismo (cap. II A personalidade Narcisista de nossos dias). Rio de Janeiro, Imago, 1983, pp.55-78.

LE BRETON, D. Adeus ao corpo. Campinas/ S.P.: Papyrus, 2003.

LEVINAS, E. A consciência não-intencional (1983) In. *Entre nós – ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1997.



ORTEGA, Francisco. Utopias corporais substituindo utopias sociais: identidades somáticas e marcas corporais na cultura contemporânea. Apresentado no **XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social**. Porto Alegre, out. 2003.

SCHOPENHAUER, A.(1819) **O Mundo como Vontade e Representação**. Tradução M. F. Sá Correia. Porto/Portugal: Rés, (s.d.).